

Vozes do exílio e suas manifestações “*En cualquier lugar*”, obra de Marta Traba

Amanda Pérez Montanez, UEL
amandapm34@hotmail.com

Na América Latina o exílio na literatura constitui uma tradição. A tradição do exílio é criada pelos escritores banidos de seus países quase sempre por perseguição política. Com as ditaduras do Cone Sul nas décadas de 60 e 70, a experiência desse banimento aparece registrada nas obras de muitos escritores degredados, também em algumas obras de escritores que ficaram em seus países de origem escrevendo à sombra do sistema, exilados dentro de seus próprios mundos.

No espaço discursivo da literatura das décadas de 60 e 70, articulou-se um projeto de identidade literária e política para América Latina. Com as ditaduras no Cone Sul, porém, se produz um corte dramático no projeto de inovação estética criado a partir da literatura do *boom* que uniu os escritores de todo o continente em torno de um ideal de transformação da sociedade latino-americana, na luta contra a transculturação a partir da libertação, por meios criativos, do sistema econômico e cultural. O otimismo utópico dos escritores e artistas foi substituído pela exigência de um engajamento crítico, dando lugar a uma cultura de resistência que tentava enfrentar desde uma posição “marginal”, e com os meios criativos ou políticos, o terror e a censura, confrontando-se com o problema de como narrar o horror.

É precisamente nos textos de alguns desses escritores onde ficaram registradas as lembranças de uma memória de ofensas e ultrajes que se nega a desaparecer. Seqüestro, solidão, tortura, extermínio são fraturas da subjetividade, vividas na ditadura pelos desaparecidos, e revividas no exílio por alguns dos que conseguiram fugir ou foram expulsos. São nexos do corpo e a palavra tentando narrar o indizível de uma experiência limite: a tortura, ou, tentando refletir desde uma vida danificada pelo trauma, a dura vivência de um exilado fora de seu lugar de origem.

Na obra literária da escritora argentina Marta Traba é possível estabelecer a relação entre política e literatura no âmbito da língua. Sua narrativa é um discurso de resistência que se arma amalgamando memória e ficção, paixão e ironia, política e estética. *Conversación al Sur*¹ e *En cualquier Lugar*², são romances onde a fabulação literária aposta à função social da literatura e em seu poder como meio de denúncia. Nessas obras, a autora deixou um testemunho do que significou para uma geração de argentinos viver o trauma social que foi a ditadura. São dois pedaços de uma

¹TRABA, Marta. *Conversación al sur*. México, Siglo XXI Editores, 1981.

²TRABA, Marta. *En cualquier lugar*. México, Siglo XXI Editores, 1984.

Argentina separada pelo autoritarismo militar, cujas histórias falam de repressão, perseguição, censura, medo, tortura, ausência de liberdades, exílios.

En cualquier lugar é um romance do exílio, engendrado a partir da consciência da diáspora, onde se estabelece um vínculo com o contexto político, mas sem deixar de privilegiar o texto como espaço de criação, situando-se assim na fronteira entre o testemunho e a ficção, entrecruzando determinações individuais e coletivas. O assunto central analisado na obra é a perda do próprio país: “¿qué les sucede a un grupo de personas en el exilio? ¿Cómo se modifica la vida de aquellos que pierden la posibilidad de regresar a su país?”³. No relato, a verdade surge como ficção, e a ficção como expressão da realidade. No posfácio da obra, Marta Traba afirma ser a história narrada uma “história real”, pois a ficção revela os extremos da realidade, uma realidade assustadora, possível de relacionar com os acontecimentos políticos da Argentina na década de 70.

A autora faz um estudo do exilado, de sua condição de vida em outro país, das transformações sócio-culturais e ideológicas experimentadas em um lugar desconhecido. Descreve a marginalidade e alienação de um contingente de seis mil jovens argentinos, quase todos comunistas e radicais, pertencentes a pequenos grupos já indiferenciados, exilados em um lugar desconhecido do norte da Europa, vivendo faz vinte anos numa deteriorada estação de trem abandonada, os quais, “*nostalgiosos de lo lejano*”, lutam a partir de seu anonimato para preservar sua própria identidade cultural, sonhando algum dia voltar à Argentina, porque o exilado sabe que em um mundo secular e contingente, os lares são sempre provisórios. No exílio o que está em jogo é a sobrevivência heróica de certos impulsos morais ou a própria sobrevivência do exilado, aqui visto como herói. Na história, é notável a marginalidade dos personagens, excluídos, vivendo à margem da lei e alienados uns dos outros. Isolados na estação, simulacro do lar e da pátria, anônimos do mundo, os personagens assistem à inexorável transformação de suas vidas: suas personalidades, relações sentimentais e formas de participação política são duramente questionadas.

Apesar do decrépito estado, a sobrevivência dos personagens está determinada por sua capacidade de luta. Vivendo entre a solidariedade e a exclusão, os exilados comprovam na própria pele que nas situações miseráveis, a fraternidade humana é uma verdade assustadora e excepcional. Na história, os personagens possuem um destino que lhes escapa porque no exílio, a vida os arrasta inexoravelmente, colocando-os numa encruzilhada: ficar ou regressar?

O impasse do exílio apresenta uma dupla face: individual e coletiva. No plano individual, a derrota gira entre o privado e o público, entre o que parece intensamente subjetivo e esmagadoramente objetivo. A ruptura gerada pelo exílio produz uma intensa revisão da história

³Idem.

pessoal e coletiva que de outro modo talvez não se fizesse. Também é uma experiência dolorosa alterando profundamente o sentido da realidade, pois sua tristeza essencial jamais pode ser superada. Mais que uma fadiga, o exilado vive um esgotamento, pois boa parte de sua energia vital é empregada para compensar a perda, tentando criar, em permanente trânsito, um novo mundo e uma nova realidade. A realização do possível procede de sua exclusão. No exílio não se vive plenamente, se sobrevive. O exilado resiste a sua própria agonia, e a partir desse estado excepcional, cria seu próprio estratagema de sobrevivência. O exilado encontra-se em constante “pulsão de morte”, a qual tenta ser, a cada instante, uma momentânea esperança de vida.

A derrota do exílio é viagem, orfandade, solidão. O indivíduo enfrenta seu incerto destino que é angústia e cárcere. Essa experiência é claramente retratada *En cualquier lugar*, onde os personagens estando à beira da desesperação ou da anomia, compartilham o pessimismo, o tédio, a melancolia, a saudade e a inevitável vivência da derrota. Porém, a esperança de um dia poder regressar é o motor para sobreviver à derrota e ao trauma.

No decorrer da narração, a agonia dos personagens intensifica-se ainda mais, porque quase não há descrições do local do exílio, das circunstâncias pelas quais ele se deu e daqueles que o protagonizam, ressaltando a própria experiência de anonimato que o exílio tem dentro de si. Ao evitar uma descrição realista do espaço e do tempo da história, a autora cria um cenário fantasmagórico de alucinação coletiva.

A história é construída em dois níveis de composição: o primeiro, à maneira de parábola, limita-se ao essencial; o segundo, descrito com maiores detalhes, caracteriza os personagens os quais são apresentados de maneira esquemática. Seres saudosos cujos relatos revivem suas fantasias de quando eram crianças no bairro, os domingos de raviolis e jogos na *Vélez Sarfiel*. Através de suas narrações quase mecânicas, se resgatam as dolorosas vivências que precederam sua partida: sua história de militância, a detenção, os horrores da tortura, a clandestinidade, o medo e, finalmente, a fuga, longe das garras do aparato repressivo. Seus projetos e utopias, as lutas e incertezas, os amores que marcaram trajetórias individuais e de grupos também encontram-se presente em seus diálogos. Dessa forma,

el pasado se convierte en una huella que empieza a desmoronarse progresivamente. De repente el hilo narrativo comienza a recorrer vertiginosamente comisarías, campos de concentración; lugares donde la vida es un macabro interrogante: ¿corredores? ¿la pieza que se ilumina de golpe como en un teatro fantástico? ¿Aquel aire mortal? ¿el gemido interminable?⁴.

A dramática decisão de partir para o exílio entranha uma dor. A dor das separações, das

⁴GADHOUM, Khédija. “Vivir en fragmentos: Marta Traba”. In: *Matices*, n. 12, invierno de 1996/97, p. 3.

perdas, o choque inicial nos novos lugares, as dificuldades de adaptação e rejeição, o estranhamento; também, a solidariedade e amizade, o amor e o sexo, os relacionamentos com os companheiros, a família e os amigos que ficaram atrás. À distância espera-se com ansiedade a chegada das cartas, acompanham-se as notícias sobre os desaparecidos e morte dos companheiros de luta e dos amigos que não conseguem fugir, os enfrentamentos ideológicos. Todas essas vivências vão transformando rapidamente a vida dos exilados com aprendizados muito duros. Ao longo da narração, os personagens vão contando relatos íntimos, sonhos, traumas, utopias e manifestações de ira, sentimentos gerados pela imprescindível circunstância do exílio. *En cualquier lugar*, as histórias de vida dos personagens revelam histórias truncadas e marcadas pelas separações: casais que se desfazem depois de ter compartilhado emoções e sofrimentos durante anos. Projetos inacabados aos quais se tinha dado o melhor de si. O ir e vir no tempo e na memória, os retornos, as várias idas e voltas antes de encontrar um lugar qualquer onde arraigar-se, com raízes fracas e feridas abertas que significam enfermidades incuráveis do corpo e da mente.

Lucho é um jovem militante fiel a sua labor política, correio de um triângulo amoroso, e em torno do qual giram as outras figuras da história: Vásquez, um ex-líder sindical de bairro, que faz vinte anos mora com Mariana, mas mantém uma relação clandestina com Ada, outra jovem militante que pode ser sua filha. A irada Mariana, implacável em seus julgamentos, arrogante e cruel com Vásquez, pois conhece muito bem seu oportunismo ao tentar fazer da estação uma réplica de seu país, também tem uma relação com Ali, jovem guerrilheiro, marido de Flora, a mulher que detonou uma bomba em seu país de origem e criou seu próprio comando. Flora foge para o exílio na companhia de Ali e do sargento Torres, seu torturador, sinistra figura que vive na clandestinidade acompanhado de um cão negro.

Ao fugir degredado por causa de uma tortura que foi além do previsto, “Torres sabe que ahora su dantesco castigo consiste en deambular como una sombra, buscando que aquélla a quien vejó y muy posiblemente se unió a él, usándose mutuamente en la compartida abyección, lo vuelva a mirar, dándole razón de ser”⁵. Para Flora, Torres não existe. Ele, porém, necessita de sua presença para poder sobreviver. Quando Flora se suicida, Torres deixa de viver, sua existência perde sentido, pois, paradoxalmente, era o ódio de Flora que o mantinha vivo. Segundo Liliana Cavani⁶, “no sólo las víctimas crean los verdugos, sino que los prolongan y mantienen, hasta más allá de cualquier límite comprensible. Sólo al morir la víctima, y desaparecer todo rastro suyo, los verdugos se volatilizan”.

⁵COBO-BORDA, Juan Gustavo. “Marta Traba, novelista”. Em: TRABA, Marta. **Conversación al sur**. México, Siglo XXI Editores, 1981, p. 38.

⁶*apud* COBO-BORDA, 1984a, p. 38.

O suicídio de Flora atua como o primeiro detonante na longa seqüência de crises vividas pelos personagens de *En cualquier lugar*: “Somos cuatro sobrevivientes – diz – que lloramos a los muertos pero nada nos parece más increíble que estar vivos”⁷, e é precisamente esse dramático reconhecimento que os atinge profundamente. De outro lado, o fuzilamento de Torres por parte dos exilados faz estilhaçar todas as tensões represadas, cujas conseqüências também são sentidas no exterior. Ao fazer justiça com as próprias mãos, a oposição ataca o partido governante que lhes deu asilo, obrigando assim a demolir a estação, dispersando os exilados por todo o país, dando início a uma nova diáspora.

O solo ao que se faz referência não é somente o espaço físico mas o espaço sócio-cultural e a rede de vínculos interpessoais. Nesse sentido, o exilado é um ser atormentado pela falta de origem, dos referentes de sua realidade imediata e de sua temporalidade. É um ser lançado para um “afora” indefinido que não lhe é próprio. Com o olhar fixo no passado, os personagens do romance debatem-se ante a incerteza de ficar num lugar estrangeiro que lhes acolheu ou partir. “Na estação, o exílio é levado ao extremo da aporia: a impossibilidade de transformar a estação num substituto para o país que se abandonou e a impossibilidade de aceitar viver em qualquer outro lugar que não o seu próprio”⁸. Para Lucho, o exílio é uma continuidade da pátria, porque se transporta com a gente e está onde se pode continuar com a discussão e a briga. Nesse sentido, como afirma Gadhoun, no exílio a pátria é uma prolongação temporal e espacial: “tanto en un espacio como en otro, se desbordan las fronteras en busca del infinito, se disuelve el significado tradicional del concepto de ‘patria’. A partir de esta movilidad geopolítica, Argentina está sencillamente ‘ahí, al alcance de todos’”⁹.

Segundo Lucho não há necessidade de nostalgia estando no exílio; embora a distância seja geográfica, não há perda da casa-pátria porque a nação não pode ser definida em termos geográficos e por isso mesmo, as fronteiras deixaram de servir como critério a sua definição. A única verdade é que só resta o futuro, e que esse país onde vivem pode ser tão bom como qualquer outro. Em todo caso, melhor que o seu, onde a violência os tinha obrigado a tomar partido, precipitando-os num abismo. Na nova “pátria” nada os priva deles mesmos, se encontram sós com seu próprio destino que lhes pertence totalmente. Para trás ficaram os velhos lemas e protestos: “No hay a quién ayudar, ni a quién acusar, ni de quien vengarse”. Vive-se no instante puro; mata-se a lembrança e inventa-se um passado e uma identidade: essa é a estratégia para vencer a armadilha da nostalgia. Ao final da história, Luís irá ao México, continuando aí seu proselitismo.

⁷TRABA, Marta. *Conversación al sur*. México, Siglo XXI Editores, 1981.

⁸*Idem*.

⁹GADHOUM, Khédija. “Vivir en fragmentos: Marta Traba”. In: *Matices*, n. 12, invierno de 1996/97, p. 4.

O problema maior do exílio é quando aos poucos o exilado vai-se acostumando às circunstâncias, quando vai aceitando e ajustando-se ao novo meio porque não resta uma outra alternativa. Com o passar do tempo, essa aceitação surge como forma de resistência e sobrevivência às dores do exílio. Só quando o trauma vai sendo superado, é que o exilado começa a fazer o balanço do perdido: junta os cacos e tenta construir uma nova vida:

[...] con los que se fueron pasa una cosa muy rara, ¿viste? Al principio escriben seguido, muertos de nostalgia, y poco a poco van despegando. Eso sería lógico, pero no es sólo eso; es como si se volvieran otra gente, alguien que nunca estuvo aquí. Ya sé que tienen derecho, ¿quién va a elegir quedarse en este pudridero?¹⁰.

“¿Por qué estamos aquí?” – pergunta-se Mariana–. Sua pergunta resume a desorientação dos personagens de *En cualquier lugar*. Nos diálogos do romance proliferam os pontos de interrogação, as indagações sem resposta sobre as causas e os efeitos do exílio, os projetos inacabados do passado, a violência, a ação política. “No exílio, a utopia, esse espaço futuro, de redenção do presente, cede lugar à atopia, um não lugar que congela o tempo”¹¹. Algumas das características singulares do exílio permitem compreender esta experiência humana como um complexo processo de duelo: “Nadie imaginaba lo que sucedería después. El exilio acabó con las previsiones y con las aprensiones, con el futuro”¹². E é necessário considerar na evolução desse duelo, as especiais dificuldades da experiência do exílio, a qual se instala como marca indelével:

Sea como fuere, el comienzo del exilio se presenta bajo la amenaza de Tánatos y de un intento de cada sujeto o grupo social en una búsqueda de transformación de su realidad que se apoya en el deseo de sobrevivir o disminuir los riesgos del horror y el sufrimiento psíquico y corporal¹³.

Mariana lhe explica a Lucho que o exílio é um destino com o qual não se pode negociar: “No hay más que dos soluciones drásticas, o te acomodás del todo o te vas del todo; si te acomodás a medias estás listo, si te vas a medias, un día sí y otro no, acabas por creerte nadie”¹⁴. Mas, a pergunta essencial: “¿Por qué regresar? ¿Qué hacer en un país dónde se ha dejado de pensar y participar, donde tus opiniones no cuentan para nada y apenas se trata, después de ímprobos esfuerzos, con una discreta diferencia?”¹⁵. A única resposta que se encontra: “[Argentina] es una ficción de país, que ahí no hay más que un montón de gente que vive al día, tratando de sacar el

¹⁰TRABA, Marta. *Conversación al sur*. México, Siglo XXI Editores, 1981, p. 54.

¹¹VIDAL, Paloma. *A história em seus restos: Literatura e exílio no cone sul*. São Paulo, AnnaBlume Editora, 2004, p. 45.

¹²TRABA, Marta. *En cualquier lugar*. México, Siglo XXI Editores, 1984, p. 228.

¹³BARENBLIT *apud* GUEJAR, Diana, et. all. *Los chicos del exilio. Argentina (1975-1984)*. Buenos Aires, Ediciones El país de nomeolvides, 2002, p.22.

¹⁴TRABA, Marta. *En cualquier lugar*. México, Siglo XXI Editores, 1984, p. 223.

¹⁵*Idem*, p. 93.

mejor partido posible a una situación sin salida”¹⁶. Então, conforme afirma Piglia, “não se trata de ver a presença da realidade na ficção (realismo), mas de ver a presença da ficção na realidade (utopia)”¹⁷. A utopia configura-se assim, no afastamento imaginário diante das contingências opressivas e violentas, como a ditadura, por exemplo. Mas, a utopia é o lugar perfeito? Existe um lugar perfeito? Nesse caso, o exílio é a utopia? No exílio, a utopia mostrará sua verdadeira cara: “El reverso que es todo paraíso impuesto por la fuerza”¹⁸.

O desfecho do romance assinala a possibilidade de que o exílio transforme a derrota vivida pelos personagens em um ponto de partida: a comunidade da estação sem nome parte para um novo exílio. Entretanto, nas entrelinhas se deixa claro a possibilidade de outras comunidades vir a habitar-la futuramente, em outros moldes, mas com a mesma capacidade de luta apesar da derrota. Ao eliminar-se a estação, só restará um mundo desarticulado e grotesco. Se verá com maior clareza, a crueldade que a nível pessoal rege as existências desses exilados. Vidas cheias de astúcias e espertezas, de encobrimentos e pretextos, onde a anti-ética constitui uma nova ética: a da sobrevivência; todos tentam salvar-se sugando uns aos outros: “¿Cómo llegaron a ese punto, en su caída, si antes su coraje era suicida y se jugaban, hora a hora, el todo por el todo?”¹⁹. Se perdeu a capacidade de discernir, de nomear a falta de ética e de moral, de falar abertamente. Quebrar o silêncio, também significa poder falar da dor do exílio, desse exílio que quis borrar qualquer existência, ignorar, suspender no tempo imóvel, sem pertencer a nenhum lugar.

¹⁶*Idem*, p.108.

¹⁷WOLFF, Jorge H. **Julio Cortázar (A viagem como metáfora produtiva)**. Florianópolis/SC, Livraria E Editora Obra Jurídica LTDA, 1998, p. 15.

¹⁸COBO-BORDA, Juan Gustavo. “Marta Traba, novelista”. In: TRABA, Marta. **Conversación al sur**. México, Siglo XXI Editores, 1981, p. 37

¹⁹*Idem*, p. 39.